

NOTÍCIAS ZECA DIRCEU

54% dos médicos do Paraná estão em Curitiba

23/04/2010

Boa matéria da repórter Cecília Valenza, na edição deste sábado (24) na Gazeta do Povo, e que diz respeito ao desafio que enfrentamos no interior do Paraná: a falta de médicos. Cecília nos conta que a cada ano, 800 novos médicos se formam nas nove faculdades de Medicina do Paraná e que a sua maioria prefere trabalhar em Curitiba. "O estado tem hoje 16.894 médicos. Desses, 8.661 estão em Curitiba. De acordo com o levantamento do Conselho Federal de Medicina, 46% dos profissionais do estado estão fora da capital. E a maior parte deles acaba concentrada nas cidades grandes do interior. Londrina, por exemplo, tem 1,7 mil médicos; Maringá, 1.093; e Cascavel, 598. Dos 399 municípios do estado, 68 contam com apenas um médico residente".

Segundo a reportagem, essa não é uma realidade somente do Paraná, é brasileira. "O número de médicos no Brasil vem crescendo mais do que a população e seria suficiente para dar um bom atendimento a todos, não fosse por um detalhe: a concentração de profissionais nas áreas mais ricas do país faz com que sobrem médicos em algumas cidades e faltem em outras", escreve Cecília. Leia a seguir a íntegra da matéria à respeito.

Faltam médicos no interior do país

O número de médicos no Brasil vem crescendo mais do que a população e seria suficiente para dar um bom atendimento a todos, não fosse por um detalhe: a concentração de profissionais nas áreas mais ricas do país faz com que sobrem médicos em algumas cidades e faltem em outras.

Em 2000, havia no país 260.216 médicos, e em 2009 esse número aumentou para 330.825, um crescimento de 27%. Nesse mesmo intervalo de tempo, a população cresceu aproximadamente 12% – de 171.279.882 para 191.480.630, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com isso, a proporção de médicos no país melhorou. Enquanto em 2000 havia um médico para cada grupo de 658 habitantes, em 2009 a situação passou a ser de um médico para 578 pessoas, segundo números divulgados pelo Conselho Federal de Medicina.

A maior parte dos médicos está na região Sudeste do país, que concentra 42% da população e 55% dos médicos. São 439 habitantes por profissional. Somente em São Paulo estão 30% dos

médicos brasileiros – o estado abriga 21% da população. Já na região Nordeste há um médico para cada 968 habitantes; e no Norte essa proporção chega a um profissional para cada grupo de 1.130 pessoas.

A distribuição entre capital e interior também é desigual nos estados. Sergipe tem 92% dos médicos na capital. Em Roraima, são 10.306 habitantes por médico em cidades do interior. Há apenas 15 profissionais domiciliados fora da capital.

O resultado de tudo isso é que, enquanto algumas cidades apresentam índices similares aos dos melhores países europeus, outras localidades podem ser comparadas a países pobres africanos. Curitiba, por exemplo, tem um médico para 227 habitantes, média similar à de países como Alemanha, Bélgica e Suíça, que possuem um médico em atividade para cada grupo de 285, 248 e 259 habitantes respectivamente. No entanto, no interior do Amazonas há apenas um médico para cada grupo de 8.944 habitantes. Número comparável ao de países como Guiné-Bissau (8.333) ou Angola (12.600).

Para o presidente do Conselho Federal de Medicina, Roberto Luiz d’Ávila, é evidente que não faltam médicos no país. “O que falta é uma política capaz de fixar os médicos no interior. Para isso defendemos a criação de uma carreira de Estado, com a implantação de planos de cargos, carreiras e vencimentos. Algo semelhante ao que acontece no Judiciário. O médico, no início de carreira, seria enviado ao interior. E, depois, teria a oportunidade de ir para as grandes cidades”, afirma.

Para o 1.º secretário do CFM e responsável pelo levantamento, Desiré Carlos Callegari, as medidas adotadas pelo governo para tentar promover a interiorização não foram efetivas. “O governo tentou aumentar o número de médicos no interior do Nordeste oferecendo bolsas de residência. Mas isso não resolve, porque depois que acabam a residência esses médicos voltam aos grandes centros”, diz.

Além da criação de um plano de carreira, as lideranças médicas defendem a necessidade de maior investimento em estrutura e condições de trabalho. “A presença de uma equipe e de recursos para exames e tratamentos às vezes é mais importante para atrair o médico do que apenas o salário. Caso contrário, um médico em início de carreira acaba preferindo ficar na capital fazendo plantão”, diz Gerson Zafalon Martins, 2.º secretário do Conselho Federal de Medicina. Hoje, o salário médio inicial da categoria gira em torno de R\$ 2,5 mil.

O Brasil é hoje o segundo país do mundo em número de escolas de Medicina. Com 175 faculdades, perde apenas para a Índia, que tem 272. A cada ano, o Brasil forma 18 mil profissionais. Mesmo assim, o governo estuda a revalidação automática de diplomas para médicos estrangeiros. “É inaceitável que com tudo isso o governo ainda queira importar médicos. Se eu estudo Medicina no Brasil, não posso ir para outro país e trabalhar como médico. Tenho de fazer uma prova, passar por um processo de validação do diploma. Por que, então, um médico que estudou fora poderia vir para cá e trabalhar sem passar por nenhuma avaliação? Sem falar que muitas vezes são médicos de formação duvidosa, que não conhecem as características do nosso sistema de saúde nem a realidade epidemiológica do Brasil. Ou ainda não falam nossa língua”, afirma d’Ávila.

54% dos médicos do PR estão em Curitiba

A cada ano, cerca de 800 novos médicos se formam nas nove faculdades de Medicina do Paraná. O estado tem hoje 16.894 médicos. Desses, 8.661 estão em Curitiba. De acordo com o levantamento do Conselho Federal de Medicina, 46% dos profissionais do estado estão fora da capital. E a maior parte deles acaba concentrada nas cidades grandes do interior. Londrina, por exemplo, tem 1,7 mil médicos; Maringá, 1.093; e Cascavel, 598. Dos 399 municípios do estado, 68 contam com apenas um médico residente.

Para o presidente da Associação Médica do Paraná, José Fernando Macedo, um dos motivos pelos quais os médicos resistem em ir para o interior é a falta de especialização. “Apenas 38% dos médicos que se formam fazem residência. Faltam vagas e só com o que aprende na graduação o médico não se sente seguro. Despreparado e inexperiente, ele acaba pedindo exames desnecessários. Está mais sujeito a cometer erros e o atendimento fica comprometido”, comenta.

Na opinião do presidente do Conselho Regional de Medicina do Paraná, Miguel Hanna Sobrinho, os médicos não vão para o interior porque não querem ser responsabilizados pela falta de recursos. “Um médico não quer ser responsabilizado se alguma coisa acontece, se falta remédio ou estrutura para um exame. A culpa não é dele, mas ele acaba sendo cobrado por isso”, afirma.

www.gazetadopovo.com.br